

RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS DE PELOTAS: VALORIZANDO OUTROS ESPAÇOS ESCOLARES E A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

GIAN LOPES DIAS¹; LUCAS RANIELE MORENO GOMES² DOMITILA THEIL RADTKE³;

GABRIELA DAMBRÓS⁴:

¹*Universidade Federal de Pelotas – diasgian976@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lucasmorenog_@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – domitilatr@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – gabydambros@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as transformações ocorrem em diferentes contextos da sociedade, e no campo da educação essas mudanças são visíveis e cada vez mais necessárias. Diante do desafio de capturar a atenção dos alunos, torna-se fundamental buscar metodologias que transformem o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e dinâmico. Neste resumo, apresentamos parte das experiências vivenciadas pelos pibidianos do curso de Licenciatura em Geografia da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) a partir da realização de atividades aplicadas em uma escola da rede estadual de Pelotas/RS, com o objetivo de refletir sobre as práticas teóricas e metodológicas desenvolvidas com alunos do 8º ano. Além de descrever as atividades realizadas, seus conteúdos e recursos utilizados, destacamos a importância da relação dos sujeitos escolares com o ambiente da escola e a necessidade de os docentes se apropriarem dos demais espaços escolares, indo além da sala de aula e reconhecendo outros ambientes como potenciais espaços para a aprendizagem geográfica.

Ao que se refere às próprias memórias escolares, consideramos as áreas comuns da escola como um lugar de recordações positivas e alegres, enquanto a sala de aula pode ser relembrada como um lugar de disciplina e controle dos corpos (SANTIAGO E AMBRÓSIO 2017). De tal modo, o ato pedagógico de aproximar o conteúdo da disciplina com a realidade e contexto dos alunos é de suma importância. Logo, uma dessas possibilidades de aproximação é através do uso e apropriação de diferentes ambientes da escola, pois possibilita a criação de relações de pertencimento dos estudantes com a instituição na qual eles vivenciam diariamente.

Em síntese, ao adentrar em uma sala de aula se evidencia a carência que os educandos possuem por aulas mais dinâmicas que fujam da normalidade do ensino tradicional no modelo expositivo-teórico. Ao falar de metodologias não convencionais, muitos educadores a rejeitam por conta das condições de sobrecarga de trabalho que já possuem, porém, no ato do planejamento muitas vezes os demais ambientes externos a sala de aula não são levados em consideração para as práticas pedagógicas cotidianas.

Sendo assim, os pibidianos da Geografia, ao planejarem as intervenções previstas para o ano de 2025 na instituição, construíram e desenvolveram metodologias nas quais consideraram os espaços escolares, as vivências e o cotidiano dos educandos. Isto porque, num primeiro momento, foram elaboradas

atividades que consideravam apenas o espaço da sala de aula como ambiente de aprendizagem e, com o andamento das atividades práticas e aproximação com os estudantes, percebeu-se a potencialidade do ambiente externo da escola, sendo necessário modificações no planejamento das atividades.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A proposta de intervenção tem origem no cronograma de atividades dos discentes bolsistas do PIBID Geografia - UFPel. Os primeiros contatos com a escola se deram por meio de observações, entrevistas e questionários com os sujeitos escolares. Com base na análise dos dados coletados, foi elaborado um relatório diagnóstico que considerou as falas e vivências observadas, orientando a construção de um Projeto Disciplinar voltado às necessidades da instituição. A partir desse diagnóstico, o grupo construiu o Projeto com base em leituras teóricas e metodológicas, elaborando atividades em torno do tema central. Neste artigo, como introduzido anteriormente, busca-se apresentar a construção das atividades, com ênfase na segunda proposta desenvolvida com a turma, que foi replanejada para valorizar o uso de diferentes ambientes da escola, fortalecendo o sentimento de pertencimento, a percepção da paisagem e atendendo à demanda identificada no diagnóstico: a necessidade de mais atividades ao ar livre e/ou no pátio da instituição.

Ao construirmos o projeto disciplinar da escola, consideramos o diagnóstico escolar e também as temáticas centrais do Projeto PIBID Geografia - UFPel, que tem como problemáticas centrais Riscos Socioambientais, Ambiente e tecnologias e Produção do espaço de Pelotas. Para atender a este conjunto de necessidades, o grupo se aprofundou em leituras sobre Ensino e Aprendizagem de Geografia (CAVALCANTI, 2005), Percepção da Paisagem (OLIVEIRA, 2000; SANTOS, 1997), Território e Periferia (RAFFESTIN, 1993), Geomorfologia (CRISTOFOLLETTI, 1980), como foco na formação territorial de Pelotas e da Região administrativa Três Vendas (FONSECA, 2016).

Tendo em vista que a escola se localiza no Bairro Três Vendas, no município de Pelotas/RS, surge a presente proposta intitulada “Relações Socioambientais e Territórios Periféricos de Pelotas: o contexto da Escola Santo Antônio”, tendo como objetivo geral analisar como se desenvolveram, no contexto histórico, as relações socioambientais de Pelotas e de seus territórios periféricos, com ênfase na formação e ocupação do bairro Três Vendas.

Para o desenvolvimento da atividade, utilizou-se uma proposta metodológica baseada em três momentos. Inicialmente, trabalhou-se o relevo e a organização urbana de Pelotas, com a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos e introdução aos conceitos de planície, planalto e depressão. Na etapa seguinte, mapas, atividades visuais e ferramentas digitais como o Google Earth foram utilizados para compreender a relação entre as formações geomorfológicas e a ocupação urbana da cidade. Por fim, foi apresentada a expansão urbana histórica de Pelotas, com apoio da plataforma GeoPelotas¹, culminando na construção de uma linha do tempo e pesquisa coletiva sobre transformações da paisagem urbana.

Além dos conteúdos que dialogam com o lugar, como espaço de vivência e pertencimento do aluno, da escolha de ferramentas e tecnologias utilizadas para o ensino de Geografia e de Cartografia, da construção de uma sequência didática que permita a participação efetiva dos alunos, destaca-se que ao perceber dificuldades relacionadas à compreensão do subconceito de relevo - terraço, uma

microforma de relevo caracterizada por uma superfície plana ou suavemente inclinada, disposta em degraus ao longo dos vales e resultante da deposição e posterior entalhamento do leito fluvial (CHRISTOFOLLETTI, 1980), - foi fundamental refletirmos sobre a própria prática e adaptar o final da proposta, ao optar por desenvolver a parte da atividade em ambiente externo à sala de aula, ou seja, o pátio da escola. Através da observação e planejamento prévio, os bolsistas perceberam que em determinado lugar do pátio da escola era possível visualizar algumas feições do relevo, visto que, a escola está localizada na transição de um terraço para uma planície de inundação. Dessa forma, a partir da visualização in loco, os alunos conseguiram realizar uma nova percepção da paisagem, potencializando a assimilação e a formação de conceitos voltados à expansão territorial da cidade de Pelotas, a percepção da localização geográfica da escola e sua posição em relação ao canal da Barbuda.



Fonte: autores (2025)

Destaca-se que, a percepção visual da paisagem em Geografia, segundo OLIVEIRA (2000), pode ser feita através da observação direta e indireta, e é fundamental para compreender como os alunos percebem os fenômenos geográficos e os elementos visuais ao seu redor, como o solo, o relevo, as ações humanas, e também as não visíveis, como o clima, as técnicas e o conhecimento. A percepção da paisagem é estimulada não só pela visão, mas também pelos demais sentidos, que são fortemente influenciáveis na nossa percepção do espaço (SANTOS, 1997), por isso, ao observarem a paisagem através de um lugar seguro e de pertencimento dos alunos, acredita-se que o ensino dos conceitos geográficos, com destaque ao relevo e a localização, foi potencializado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das discussões realizadas, observou-se como a troca de ambientes durante a aula influência positivamente na percepção dos alunos sobre a dinâmica pedagógica, além da valorização da percepção da paisagem no processo de ensino e aprendizagem geográfico. Enquanto nas aulas expositivas dialogadas, mesmo sabendo de sua importância na continuação da aprendizagem, os alunos tendem a ficarem em uma posição mais passiva, onde a maioria participa apenas como ouvinte. Ao saírem do ambiente da sala de aula, onde se oprimem e se regulam durante horas nas aulas tradicionais, e ao

encontrarem um ambiente externo, porém preparado para realizarem suas próprias descobertas, eles participam de forma mais efetiva e ativa na construção do seu próprio conhecimento.

Assim, os alunos podem se expressar de diferentes maneiras, formas livres e desenvoltas enquanto investigam de maneira prática o conteúdo teórico visto anteriormente, de modo que não possuem amarras para desvendar e descobrir as questões que acharem mais pertinentes para si. Nesta etapa é fundamental que o docente confie e acredeite em seus alunos para que tenham autonomia para realizarem as mais variadas funções na sistematização do conteúdo. Com isso, se faz notório a presença de alunos mais motivados e empenhados nas atividades propostas, com ricos momentos de troca entre a turma, o conhecimento sendo passado em um ensino colaborativo.

Em síntese, é de suma importância que os professores do ensino básico considerem e levem em conta os ambientes comuns de suas escolas em seus planejamentos. É notório que a realidade de grande parte das instituições públicas de ensino do Brasil contam com estruturas defasadas e precarizadas, onde o professor e seus alunos se veem como reféns de um espaço pouco funcional. Logo, é necessário que se tenha outro olhar para ambientes como o pátio e suas potencialidades no processo do ensino e aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTOFOLLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher, 1980. 188p.

FONSECA, A. C. da. A cidade legal e ilegal: modos de habitar na constituição de territórios periféricos de Pelotas. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Acessado em: jun. 2025. Online. Disponível em: <https://www.repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/3182?locale-attribute=en>

OLIVEIRA, L. de. Percepção da Paisagem Geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. Geografia, Rio Claro, v.25, n.2, p.5-22, ago. 2000.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTIAGO, N. B.; AMBRÓSIO, P. M. Por que minha sala de aula não é o pátio?. Pedagogia em Ação, v.9, n.2, p.129-143, 2017.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1997. v.5.